

ENSINO

Covid-19 abala receitas das escolas de negócios



Há quem preferia adiar a formação até à reabertura das salas de aula
FOTO JOÃO CARLOS SANTOS

Crise pandémica está a afetar a **área da formação de executivos, que é essencial para os orçamentos** de muitos estabelecimentos

ANA SOFIA SANTOS

Há vários anos que as escolas de negócios portuguesas abrem as portas ao mundo e o novo coronavírus fechou-as com estrondo. Com a mesma globalização que trouxe uma ‘enchente’ de estudantes estrangeiros (e novas receitas) veio, agora, a covid-19. Ninguém indica a dimensão das possíveis perdas, dado o clima de incerteza, bem como por razões estratégicas. Mas o impacto é relevante.

Os diretores das quatro instituições contactadas pelo Expresso para darem conta do efeito da pandemia na atividade sinalizam que houve capacidade de resposta na mudança das aulas e formações para o online. ISEG Lisbon (Universidade de Lisboa), Nova School of Business and Economics (Nova SBE), Católica Lisbon e PBS — Porto Business School (Universidade do Porto) estão em modo de ensino remoto mas assumem que, mesmo correndo bem, “não é a mesma coisa”. E se duas escolas, o ISEG Lisbon e a Nova SBE podem contar com dinheiro do Orçamento do Estado (OE), as outras, Católica Lisbon e PBS não têm este ‘conforto’.

A preocupação concentra-se, sobretudo, na formação de executivos. É que os programas para profissionais vivem muito da componente presencial e há adiamentos e

cancelamentos que afetam esta importante fonte de proveitos. Na Católica Lisbon, “a importância desta área de atividade é significativa”, diz o diretor Filipe Santos, revelando que “há um decréscimo de receitas” fruto da ausência de aulas presenciais, “que terá um impacto relevante no segundo trimestre”.

A recalendarização dos cursos abertos ao público (onde há maior quebra) tem sido o caminho, “indo ao encontro das expectativas dos participantes inscritos dado que, além do conhecimento que recebem, há o networking [relacionamento] entre formandos”, que se alimenta do convívio cara a cara. Nos programas feitos ‘por medida’ para as empresas, há casos em que os clientes pediram para serem convertidos para o formato digital.

Do lado da Nova SBE o cenário de prorrogações é idêntico, sem “muitos cancelamentos”. “Existe uma preferência generalizada pela formação presencial”, frisa fonte da escola de Carcavelos, mas “muitas empresas e participantes preferiram manter os programas através de sessões online com os professores, até ao regresso ao modelo presencial”. Nas candidaturas para os dois programas de MBA (feito em parceria com a Católica Lisbon) não há “decrécimo nas inscrições”.

FUTURO INCERTO

O mesmo acontece com o MBA do ISEG Lisbon, no entanto as próximas inscrições irão estar reféns da “evolução epidemiológica e económica dos próximos dois meses”, considera a presidente, Clara Raposo. Por outro lado, “a generalidade das pós-graduações retomou o funcionamento em regime de aulas e avaliações online” — as “poucas exceções” foram cursos que ganham com “experiências de campo” e aqui “optou-se por adiar”. À semelhança da Católica e da Nova, nos cursos customizados há empresas ou organizações que preferem ter formação no campus junto ao Parlamento, mas outras mantiveram “as datas previstas” com ensino à distância. No caso do ISEG a quebra na atividade da formação executiva não afetará o orçamento da instituição, do qual não fazem parte as receitas desta atividade.

Para a PBS, que só está na formação executiva, o futuro afigura-se mais sombrio. “Vivemos exclusivamente das receitas dos programas, sem qualquer financiamento público”, realça o diretor Ramon O’Callaghan, enquanto antecipa um “impacto significativo”. A escola conseguiu “manter toda a oferta de longa duração (MBA e pós-graduações), passando-a para o formato 100% online”.

Programas de curta duração para executivos vivem muito da componente presencial. A estratégia tem sido adiar ações para evitar cancelamentos

Tal como nas outras escolas, os cursos de formação de curta duração, que representam 15% da faturação da escola do Porto, são os mais afetados. Ramon O’Callaghan refere a dificuldade de manter tudo a funcionar sobre rodas com as pessoas “assoberbadas com a situação da covid-19”. “A disposição é menor e, por isso, optámos por reduzir a carga horária de muitos programas de longa duração e recalendarizar outros”. Ainda assim, a quebra de atividade dos programas presenciais de curta duração “tem sido colmatada pela participação nas formações online”. E nos programas longos as mudanças no calendário permitiram “reduzir significativamente o congelamento de inscrições”, mas o ritmo de novas candidaturas “arrefeceu”.

Nas licenciaturas, mestrados e doutoramentos a procura está a bons níveis, mas há mais pedidos de ajuda para pagar propinas. Na Católica Lisbon verifica-se um “aumento da procura de alunos nacionais e internacionais”, revela Filipe Santos, enquadrando que um programa de grau é uma decisão “de longo prazo e pouco afetada pela crise”. Na Nova SBE também não se esperam menos inscrições e, em relação a alunos estrangeiros, há otimismo porque “Portugal tem tido um desempenho muito positivo no combate à pandemia”.

No ISEG Lisbon não houve uma “quebra significativa na cobrança de propinas nos mestrados [as matrículas para 2020/21 bateram um recorde] e nos doutoramentos”, diz Clara Raposo. Mas a contração pode estar à espreita dada a “incerteza quanto à capacidade financeira destes estudantes para suportarem as propinas [os mestrados oscilam entre os €5 mil e os €12 mil], o que poderá ser agravado nos estudantes estrangeiros, cuja mobilidade ainda não é certa”, sinaliza.